

Cabral prefere o silêncio para melhorar sua imagem

Carmem Kozak

O ex-ministro da Justiça, Bernardo Cabral, decidiu jogar uma pá de cal sobre os episódios que culminaram com seu afastamento do primeiro escalão do governo Fernando Collor de Mello, como uma forma de melhorar a sua desgastada imagem política. Por isso, na entrevista que concedeu ontem, o ex-ministro deixou a imprensa frustrada. Ao contrário das expectativas, não deu respostas concretas, somente evasivas. Seguindo conselhos de alguns amigos, inclusive do deputado Ulysses Guimarães, o relator da Constituição entendeu por bem deixar de lado, pelo menos por agora, as mágoas e ressentimentos e se dedicar a um projeto bastante ousado: marcar esses três meses e meio que lhe restam de mandato pela elaboração e por inúmeros projetos de lei. Assim, Cabral acredita que poderá reabilitar a sua imagem política e se credenciar para, a partir do ano que vem, trabalhar, ostensivamente, pela candidatura de Orestes Quérzia à Presidência da República.

A desastrosa entrevista coletiva concedida ontem foi o último capítulo de uma novela que, para Bernardo Cabral, não poderia ter um final pior. Em janeiro, o deputado foi apresentado pelo presidente eleito como o primeiro integrante da equipe de governo. À época, Cabral que, havia se desligado do PMDB para apoiar, no segundo turno, a candidatura Collor recebeu uma garantia do presidente: "Ele ficará até o último dia do meu governo". Além disso, Cabral foi premiado com credenciais para ser um super ministro, com a responsabilidade de centralizar todas as articulações do novo governo a partir daquele momento. Não foi por outro motivo, que, durante a viagem de Collor à Europa, Cabral ficou com a responsabilidade de chefiar a equipe de transição, no "Bolo de Noiva".

Intrigas

Segundo pessoas ligadas ao ex-ministro, desde essa época "começaram as intrigas para carbonizá-lo". Alguns parlamentares mais próximos a Cabral chegaram a afirmar que não acreditavam que ele tomaria posse no dia 15 de março. Por isso, não foram poucas as vezes que o ex-ministro recebeu conselhos para se filiar a algum partido. Afinal, essa seria uma espécie de seguro à sua vida política, pois poderia ter concorrido à reeleição — segura segundo os institutos de pesquisa. Cabral, por sua vez, não deu ouvidos a essas ponderações. Para ele, o processo de "carbonização" não vingaria.

No sábado passado, porém, Cabral não só teve que anunciar que



Cabral vai se dedicar mais a elaboração de projetos de lei

estava "deixando" o governo, como não conseguiu esconder sua mágoa. "Na segunda-feira, da tribuna da Câmara terei liberdade para responder a qualquer pergunta", disse o ministro em um tom que mais parecia uma ameaça. A entrevista-bomba não aconteceu e não acontecerá nos próximos meses. Depois de muita reflexão e conselhos, o deputado entendeu que cultivar a imagem de traidor acabaria provocando um desgaste muito maior, aparentando, até mesmo, apego excessivo ao poder.

Nestes últimos cinco dias, Cabral aproveitou para traçar uma estratégia visando a recuperação de sua imagem pública. Para tanto, uma coisa é certa: os últimos três meses e meio de mandato serão marcados pela elaboração de

qualquer tipo de comentário e se quer pretende se expor muito — a exemplo do que ocorreu quarta-feira, quando foi assistir ao depoimento da ministra Zélia Cardoso de Mello — sua suposta namorada — na CPI do Senado que apura irregularidade na Petrobrás.

Projetos

A partir de agora, Cabral quer marcar o final de seu mandato com projetos de lei que considera importantes, como, por exemplo, revisão da legislação eleitoral e instituição do voto distrital. Até o momento, a tendência de Cabral é se empenhar pela candidatura de Orestes Quérzia. Segundo políticos e amigos do ex-ministro, se tudo der certo, ele não descarta a possibilidade de tentar compor a chapa com o governador de São Paulo, na condição de candidato a vice.